

Bruno Ministro e liliana vasques

# re - a h

a leitura de reinvenção ou a releitura da invenção

Instalação poética transmedial



**Festival Silêncio**

Galeria da Boavista

30 de Junho a 22 de Julho de 2016

## Sinopse da instalação

*re-ab*: a leitura de reinvenção ou a releitura da invenção é uma instalação poética transmedial que assenta na releitura criativa da obra poética de Ana Hatherly. Nesta constelação poética sob a forma de rede citacional e situacional, o mote é reinventar a releitura através da reescrita, reinventar a reescrita através da releitura.

Na raiz deste projeto esteve a vontade de fazer uma apropriação e derivação dos conceitos e materiais da obra de Ana Hatherly para, a partir daí, testar a recontextualização e conseqüente ressignificação da palavra e da imagem. Nesse sentido, as obras que aqui se apresentam são trabalhos autónomos em contínuo movimento de diálogo com o seu objeto de partida. Com esta instalação, Bruno Ministro e liliana vasques fazem uma homenagem à autora, lançando, de igual forma, questões problematizadoras das fronteiras entre originalidade e apropriação, autenticidade e derivação. Ao explorar vários suportes para a escrita e leitura, tal como Ana Hatherly fez na globalidade da sua obra, problematiza-se o carácter de fronteira dos meios técnicos e artísticos, dos géneros artísticos, da escrita e leitura.

*re-ab* (re-, uma e outra vez, -ah, de novo e sempre Ana Hatherly) é feita de perguntas. Uma página trabalhada visualmente pode ser poesia? Um áudio é ainda poesia? Pode um vídeo ser poesia? O que um gerador automático de texto dá a ler é poesia? O que é ler? Ler produz outro texto? Não ler é ler?

## Estrutura da instalação (Núcleos R, E, A, H)

### Núcleo R *a legibilidade da ilegibilidade / ilegibilidade da legibilidade*

Teoria da Obsolescência – Um poema-programa-ensaio

Leia este texto

ROT//////////////////URA

### Núcleo E *o corpo como suporte / o suporte como corpo*

mão + corpo

Lito-te Ana

### Núcleo A *as interfaces do olhar / o olhar das interfaces*

OKI a ler Ana

Precisa-se

ecrAna – heatmaps

### Núcleo H ( )

só os actos-criados deixam tudo vazio

## Descrição dos trabalhos

### **Teoria da Obsolescência — Um poema-programa-ensaio**

Instalação-obsoléta (poema digital minimal) — Bruno Ministro

Entre legibilidade e ilegibilidade, a velocidade do texto que passa diante dos olhos do leitor não permite a apreensão integral dos vários parágrafos de “Teoria da Obsolescência – Um poema-ensaio”. Nesta retextualização, os parágrafos são linhas. Linhas porque, por um lado, é esse o seu aspeto visual; por outro, porque o texto de base foi transformado em código informático (strings). É este um poema-programa-ensaio, fortemente baseado na apropriação do texto de Ana Hatherly e umbilicalmente ligado às suas meta-reflexões. Aqui, pensando a obsolescência da arte programada a par com a obsolescência programada da máquina.

**Base:** “Teoria da Obsolescência – Um poema-ensaio” (c. 1968)

**Especificações:** HTML, CSS, Javascript (a partir de código de Finn “Koya” Schakleton), fonte de letra Fira Sans (Carrois)

### **Leia este texto**

Instalação-poema — liliana vasques

A instalação explora a questão da (i)legibilidade do texto; um vídeo com uma frase/texto é reproduzido em loop com uma velocidade que [não] permite a leitura.

**Base:** reflexões de Ana Hatherly sobre a legibilidade do texto; definição de utopia de Ana Hatherly (em *Interfaces do Olhar*)

### **ROT//////////URA**

Instalação-desinstalação (frame prints & vídeo) — Bruno Ministro

“Rotura” entra em rotura. Pequeno excerto da performance foi glitchado. Tendo em conta que o vídeo é já um arquivo que não representa a performance, sendo apenas uma sua representação pobre, o que acontece se se adicionar uma nova camada de manipulação a essa não-representação? E como é que esses corpos reagem se, ainda para mais, o material videográfico for transposto para suporte planográfico?

O vídeo foi submetido a um processo de deterioração por glitch (fake glitch), sendo depois exportadas as respetivas frames num rácio de 1 fps. Deu-se assim origem a um total de 100 frames, depois impressas em papel fotográfico. Posteriormente, o vídeo com glitch foi ainda submetido a um processo iterativo de transcodificação em baixa resolução, optando-se sempre por comprimir o novo ficheiro a partir do ficheiro acabado de comprimir no processo anterior.

**Base:** excerto de registo em vídeo de “Rotura” (1979)

**Especificações prints & vídeo:** CorruptVideo (manipulação; 0.30% glitch); Adobe Photoshop (exportação mp4 > jpeg a 1 fps), HandBrake (deterioração; recurso ao codec h.264 x264 para comprimir vídeo 51 vezes sucessivas a 51 RF, i.e., tentando a mínima qualidade possível em cada compressão iterativa)

Peça sonora — liliana vasques

Seleção de 100 amostras com 1 segundo, inversão do som, combinação das amostras (nºs pares de 50 a 0, nºs pares de 100 a 50, intercalados por nºs ímpares de 1 a 100), efeitos fade-in e fade-out.

**Base:** som extraído do vídeo “Rotura” (1979)

**Especificações peça sonora:** extração do som em <http://www.youtube-mp3.org/pt>, manipulação com software Adobe Audition

## **mão + corpo**

Instalação-sinalização (dois poemas digitais minimais) — Bruno Ministro

A mão é uma extensão do corpo e é ainda corpo. As tecnologias móveis, fortemente implantadas na era da ubiquidade dos dispositivos técnicos, atuam como extensões da mão e próteses do corpo. São, também elas, não corpo e ainda corpo, povoando de seres pós-humanos as sociabilidades tecnologizadas da era da técnica. A interação quotidiana que o indivíduo estabelece com estas tecnologias móveis – em casa, no trabalho, em movimento – é, aqui, reformulada criticamente. Por um lado, os dispositivos sem fios são destituídos da sua condição de transparência e mobilidade através do gesto que torna visíveis os cabos que os ligam à corrente. Por outro, as ações visualizáveis nos ecrãs touch não oferecem possibilidade de interação com o utilizador, tornando-o um espetador passivo diante da dinâmica dos objetos. Tudo isto, sobre uma vigilância apertada dos corpos, dos gestos e das ações.

Partindo de um poema concreto de Ana Hatherly, a peça “mão” explora de forma dinâmica os pares mínimos que figuram no texto da autora. Esta apropriação dá particular destaque à mão, um dos monossílabos do poema de base, procurando tecer uma reformulação problematizadora da linguagem e dos corpos na era digital. Vivemos num paradigma marcado pela manipulação e manuseabilidade, logo, caracterizado pela mutabilidade e instabilidade da palavra e pela não permanência da escrita.

A peça “corpo” associa-se a esta reflexão através da exibição de um motor textual cuja base de dados é composta por conceitos apropriados num delimitado conjunto de ensaios e textos teóricos de Ana Hatherly. Ecoando uma extremamente diversificada teia de leituras teóricas da autora, no seu contexto de origem estes conceitos surgem como elementos descritivos associados à poesia, língua e linguagem. Aqui, o que antes surgia como definição desses elementos passa agora a ser associado ao corpo, através da introdução da comparação fixa “o corpo como...”. A reformulação que tem lugar resulta numa operação de estranhamento e ressignificação que assume a perspectiva radical do corpo como entidade poética, o corpo como língua e o corpo como linguagem.

**Base 1:** poema sem título [“o vilão com o pão na mão”] (década de 60)

**Base 2:** vários ensaios e textos teóricos. “Estrutura, código, mensagem” (1967), “A função poética da mensagem” (1967), “A reinvenção da leitura – breve ensaio” (1978) e “Nova presença do passado no presente – Uma releitura crítica da tradição” (1992)

ecoando e citando:

A. Moles, C. Peirce, E. Gomringer, H. de Campos, J. Kristeva, L. Wittgenstein, M. Bakhtine, M. Bense, P. Garnier, R. Barthes, R. Jakobson, S. Mallarmé, U. Eco, entre muitos outros

**Especificações 1:** HTML, CSS, Javascript (a partir de código de Christian Petersen), fonte de letra Special Elite (Astigmatic)

**Especificações 2:** Javascript (a partir de código “Basic Mixer”), CSS (a partir de código de Dan Wilson)

## Lito-te Ana

Instalação-leitura — liliana vasques

Imagens manipuladas a partir dos mapas de mouse tracking produzidos pela navegação e leitura dos resultados da pesquisa dos termos Ana

Hatherly no Google Search; peça sonora a partir do poema Litoteana de Ana Hatherly

**Base:** “Litoteana” (c. 1968) e entradas com os termos Ana Hatherly no Google Search

**Especificações:** utilização da aplicação de mouse tracking IO Graph (open source)

## **OKI a ler Ana**

Instalação — líliana vasques

A impressora de agulhas OKI será uma ‘leitora’ dos poemas de Ana Hatherly? Podemos encarar a impressão resultante como uma releitura dada a diferença relativamente à imagem-poema que vemos no computador e à impressão que teríamos com uma impressora atual?

**Base:** *A Reinvenção da Leitura* (1975)

## **Precisa-se**

Instalação-discursiva (escultura sócio-deslocada) — Bruno Ministro

A partir de um jornal aberto nas suas páginas centrais, salta à vista uma secção de classificados particular. À parte as questões gráficas que aproximam estes pequenos retângulos dos anúncios comerciais tradicionais, o texto destes anúncios, que normalmente têm como objetivo divulgar a oferta e a procura de serviços e produtos, revela aqui outras intenções discursivas. Apropriando excertos de um poema político de Ana Hatherly, este trabalho procurar questionar a atualidade do poema escrito pela autora nos anos 60. Fá-lo, agora, junto do que pretende ser igualmente uma reflexão sobre questões de discurso, meios de comunicação de massas, mercadoria, propaganda, participação e engajamento.

**Base:** “ESTA GENTE / ESSA GENTE” e “ESSA GENTE / ESSA GENTE” (c. 1964-66)

**Especificações:** fonte de letra Indie Press (KC Fonts), jornal *Mapa* pintado

## **ecrAna - heatmaps**

Poemas visuais — líliana vasques

Criação de imagens a partir dos padrões de leitura no ecran (interface necessária à pesquisa na web) aplicado a poemas de Ana Hatherly disponíveis na internet; estudos sobre a leitura de conteúdos na internet, possíveis com a utilização de software eye tracking e câmaras com infravermelhos, apontam para determinados padrões de leitura sendo o mais comum o denominado padrão em F.

**Base:** poemas de Ana Hatherly encontrados na internet e lidos no computador

## **só os actos-criados deixam tudo vazio**

Instalação-aberta (campo plural de possibilidades performativas e participantes) — Bruno Ministro

**Descrição:**

**Base:** curta citação extraída de “Teoria da Obsolência – Um poema-ensaio” (c. 1968)

**Bruno Ministro** é poeta, performer e artista digital. Trabalha num processo de contínua experimentação poética das dimensões sonoras, visuais e intermediais da linguagem por meio da construção de artefactos impressos, digitais e performativos.

**liliana vasques** é poeta e performer. Preocupa-se com a linguagem, com as cargas sociais e políticas que nela cabem. Explora e faz poesia experimental em vários suportes e contaminada por outras artes (B.D., street art, etc.).

**Candong**a é um projeto editorial independente feito de artefactos construídos e desconstruídos na clandestinidade. Fora dos circuitos de pensamento estandardizado, aqui imaginam-se objetos textuais que possam surgir nos mais variados suportes (possíveis e, também, imaginários).

*sites do projeto e pessoais:*

**C.** [projectocandong.wordpress.com](http://projectocandong.com)

**BM.** [hackinthetext.net](http://hackinthetext.net)

**LV.** [cargocollective.com/lilianavasques](http://cargocollective.com/lilianavasques)

**Galeria da Boavista**

R. da Boavista, 50  
Lisboa

**Festival Silêncio**

CTL, Cultural Trend Lisboa  
edição de 2016

**Ciclo Ana Hatherly: Anagrama da Escrita**

curadoria de Manuel Portela